

A ofensiva do cinema francês para 2025

PÁGINA 3



Presença brasileira no Festival de Roterdã

PÁGINA 4



Bogarins decide experimentar uma sonoridade caseira

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

# Quais são as chances de Fernanda Torres no Oscar depois do Globo de Ouro?



Alile Dara Onawale/Divulgação

Academia anuncia as indicações à estatueta no dia 17 e a premiação de domingo eleva as chances da brasileira de ser selecionada

Por **Leonardo Sanchez** (Folhapress)

**P**assado o furor da vitória em melhor atriz de filme de drama no Globo de Ouro, Fernanda Torres terá mais trabalho do que nunca à frente da campanha de “Ainda Estou Aqui” rumo ao Oscar. O prêmio aumenta consideravelmente suas chances, mas o caminho é longo e sinuoso. Este é o momento para ela, e o resto da equipe, lotarem suas agendas com eventos, debates e sessões especiais, já que o interesse pelo filme em Los Angeles, provavelmente, nunca foi tão grande. A exposição de agora é uma munição importante, e deve ser aproveitada ao máximo por meio desses compromissos sociais, que servem de networking. Até porque ainda temos quase dois meses até a cerimônia do Oscar, marcada para 2 de mar-

ço, e o desafio principal será manter “Ainda Estou Aqui” no boca a boca e na mente dos quase 10 mil votantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em especial na dos indecisos.

É importante ressaltar que a vitória no Globo de Ouro diz pouco sobre uma indicação e eventual vitória no Oscar. O prêmio serve de publicidade, mas os votos que consagraram a brasileira não serão convertidos em votos na outra premiação - o corpo de votan-

tes deles é totalmente diferente.

Votam no Globo de Ouro 334 jornalistas estrangeiros que cobrem cinema e televisão americanos, de 85 nacionalidades diferentes. No Oscar, os 10 mil membros são nomes da indústria cinematográfica, divididos em grupos que seguem as categorias da premiação.

Há, por exemplo, o ramo dos atores, o dos diretores, o dos técnicos de som e por aí vai. A eles se somam executivos de estúdios e profissionais de marketing e relações públicas. Alguns, inclusive, são brasileiros, como Walter Salles, diretor de “Ainda Estou Aqui”, e Fernanda Montenegro, colega de elenco e mãe de Torres. **Continua na página seguinte**

Fotos/Divulgação



# Com o Globo de Ouro em mãos, a história muda



*Cynthia Erivo, de 'Wicked' (no alto); Mikey Madison, de 'Anora' (esq), Karla Sofía Gáscon, de 'Emilia Pérez' (centro); e Demi Moore, de 'A Substância' (dir), juntam-se ao time de concorrentes da brasileira Fernanda Torres, de 'Ainda Estou Aqui', na briga pela estatueta de Melhor Atriz do Oscar 2025*

**A**votação para os indicados ao Oscar abre nesta quarta-feira (8), e a proximidade com o Globo de Ouro é ótima para os brasileiros. Em meio ao clima de surpresa em relação à vitória da protagonista de “Ainda Estou aqui”, muitos que antes deram pouca atenção verão valor em seu trabalho, espe-

cialmente com as reações de choque e alegria de suas colegas indicadas, medalhões como Tilda Swinton e Nicole Kidman.

Em 12 de janeiro, a Academia encerra o período de votação, para anunciar seus indicados no dia 17. Na data, as chances de vermos “Ainda Estou Aqui” indicado a melhor filme internacional e Fernanda Torres em

melhor atriz são grandes. As do filme sempre foram, as dela, nem tanto.

Agora com o Globo de Ouro em mãos, a história muda - poucas atrizes que venceram o prêmio em drama não figuraram posteriormente na lista do Oscar, como foi o caso de Kate Winslet, vitoriosa em 2009 por “Foi Apenas um Sonho”, mas esnobada entre as

indicadas ao homenzinho dourado.

Na estrada até o Oscar, haverá ainda outras premiações que poderão beneficiar Torres, dando-lhe holofotes, e que servem de termômetros mais corretos. É o caso dos prêmios de sindicatos, em que parte dos votantes se repetem. Por azar, o SAG, dado por e para atores, encerrou sua votação neste domingo, sem a influência do Globo de Ouro.

A ele se soma o Bafta, equivalente britânico do Oscar, que anuncia indicados no dia 15 deste mês e fará sua cerimônia em 16 de fevereiro. Já a festa do SAG acontece em 23 do mesmo mês.

Neles todos, a grande adversária de Torres será Demi Moore, a outra premiada da noite de Globo de Ouro, na ala de filme de comédia ou musical. Seu trabalho em “A Substância” vem sendo elogiado, e Moore se encaixa numa narrativa que Hollywood adora, a do artista que cai em desgraça e volta com tudo.

Ela mesma ressaltou isso em seu discurso de vitória, afirmando que um produtor lhe disse que ela não passava de uma “atriz pipoca”, mas que agora vê que tem talento e é merecedora. É uma narrativa que serve como marketing poderoso, e que pode ofuscar a jornada do herói de Fernanda Torres, a brasileira feliz só por concorrer, mas que venceu os gigantes de Hollywood.

Fernanda também terá que derrotar outras atrizes elogiadas que não concorriam com ela no Globo de Ouro - este indica 12 atuações, divididas entre drama e comédia ou musical, enquanto o Oscar junta todos os gêneros numa lista de apenas cinco nomes.

Cynthia Erivo é uma delas, por “Wicked”, bem como Mikey Madison, de “Anora”. A boa notícia é que o primeiro filme só levou um Globo de Ouro de consolação, de melhor blockbuster, e o segundo saiu de mãos abanando, enfraquecendo suas campanhas. Já Karla Sofía Gascón segue forte depois de “Emilia Pérez” ter levado quatro troféus para casa.

O musical francês é a grande pedra no sapato de “Ainda Estou Aqui” em filme internacional. Apesar da força, porém, a exposição que a obra ganhou pode ser ruim, dando espaço também para as várias polêmicas atreladas ao filme e construindo um clima de rejeição.

Mais importante do que qualquer coisa, porém, é a disposição da Sony Pictures Classics, que banca a campanha do filme lá fora, em injetar mais rios de dinheiro em Fernanda Torres e “Ainda Estou Aqui”. A julgar pela emoção que tomou a mesa da distribuidora no Globo de Ouro, porém, não falta comprometimento com a cruzada brasileira.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com estreia nacional em tela grande marcada para o dia 6 de fevereiro, “Emilia Pérez” tornou-se o longa-metragem mais premiado do Globo de Ouro de 2025, na mesma festa que coroou a carioca Fernanda Torres (por sua atuação em “Ainda Estou Aqui”) em Beverly Hills, no último domingo, estabelecendo a saga cantada (e dançada) do parisiense Jacques Audiard como um atestado de vitalidade do cinema francês pelo mundo afora. Entram para a conta da fita os troféus de Melhor Musical/Comédia, Melhor Canção (“El Mal”), Melhor Atriz Coadjuvante (Zoa Saldaña) e Melhor Filme em Língua Não Inglesa (derrotando o drama de Walter Salles com Torres).

Há um ano, a terra de Emmanuel Macron também fez bonito na premiação anual dos correspondentes de imprensa estrangeira em Los Angeles com a consagração de “Anatomia de uma Queda”, de Justine Triet, que acabou por conquistar o Oscar de Melhor Roteiro Original.

A curiosidade deste ano é que Audiard, em seu duplo discurso de agradecimento, cravou: “Não falo inglês”. Usou a língua de seu país num palco hollywoodiano e pode fazer o mesmo na cerimônia do Oscar, marcada para 2 de março, no Dolby Theatre, se entrar no rol dos indicados a ser anunciado no próximo dia 17.

Ganhador da Palma de Ouro de 2015 por “Dheepan: O Refúgio” e responsável por bilheteria milionárias (“O Profeta” e “Ferrugem e Osso”), o realizador de 72 anos se firma como um dos medalhões de uma filmografia que não só inventou o cinema (em 1895, nos experimentos dos irmãos Lumière) como batalha dia a dia, arduamente, por sua sustentação em salas de projeção, apesar da concorrência pesada dos streamings. Essa luta deu frutos em 2024 (dos mais lucrativos) e, pelo visto, ensaia o mesmo caminho no ano que acaba de nascer.



**Vencedor do Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro, superando ‘Ainda Estou Aqui’, ‘Emilia Pérez’ tende a ser locomotiva a puxar as bilheteria do cinema francês em 2025**

# França dita a regra do jogo

Em meio à projeção de clássico de Jean Renoir no Rio, o cinema francês festeja as vitórias de ‘Emilia Pérez’ no Globo de Ouro e prepara ofensiva para lotar salas nos próximos meses

Exibido na abertura do Festival do Rio, em outubro, “Emilia Pérez” levou 1 milhão de pagantes ao circuito de sua nação, à força da trajetória afirmativa de um chefe do tráfico latino que transiciona, sai do crime e, com a ajuda de uma advogada (Saldaña), regressa sob identidade feminina, vivida pela espanhola Karla Sofia Gascón. A atriz fez carreira no México (onde a trama de Audiard, falada em espanhol, ambienta-se) quando ainda assinava Carlos Gascón.

Com forte representatividade queer, a produção, orçada em €25 milhões, abriu sua carreira em Cannes, em maio, de onde saiu com o Prêmio do Júri e um prêmio coletivo de interpretação para suas atrizes

(Adriana Paz, Selena Gomez e as já citadas Zoe e Karla). Depois do balde de Globos que conquistou, ensaia lotar multiplexes planeta afora, antes de entrar na grade da Netflix. Esse percurso redesenha a rentabilidade da França nas telas.

Entre janeiro e dezembro do ano passado, outras duas conquistas milionárias ampliaram a receita francesa em venda de ingressos. De um lado, a comédia “Un P’tit Truc En Plus” somou 10,8 milhões de espectadores; do outro, o épico, “O Conde de Monte-Cristo”, lançado aqui no Festival Varilux, foi prestigiado por 9,2 milhões de espectadoras/es. Estima-se que as cifras se mantenham altas em 2025. É o trabalho que a Unifrance terá no

alvorecer do ano que vem.

Esse é o órgão do governo francês cuja missão é assegurar a circulação mundial dos filmes feitos em solo parisiense, em Marselha, em Nice, em Nantes e arredores, realizando um evento anual, chamado Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, para atrair distribuidores e a mídia.

Trata-se de um fórum organizado no hotel Sofitel Arc de Triomphe, em Paris, sempre em janeiro. Nesta edição, seus trabalhos acontecem de 14/1 a 21/1. Sua programação de exposições e entrevistas mobiliza estrelas e cineastas. Por lá devem passar talentos como a diretora Audrey Diwan - que abriu o Festival de San Sebastián, em se-

Divulgação

tembre, com o remake de “Emmanuelle” – e a diva Isabelle Huppert, que presidiu o júri do Festival de Veneza, em agosto. Das novidades que devem espocar por lá se destacam a sci-fi “Chien 51”, de Cédric Jimenez; a biopic em duas partes “De Gaulle”, de Antonin Baudry; a fantasia “Kaamelott: The Second Chapter”, que dá continuação ao recordista homônimo de público de 2020, sobre a Távola Redonda; a chanchada “Les Tuche: God Save the Tuche”, com o Didi Mocó do Velho Mundo, Jean-Paul Rouve; e o thriller “13 Jours 13 Nuits”, de Martin Bourboulon.

Em meio a essa boa onda do país cinematograficamente mais prolífico do Velho Mundo, uma de suas vozes autorais mais ativas, Emmanuel Mouret, ocupa telas do Grupo Estação e do Cinesystem Botafogo com “Crônica de uma Relação Passageira”. Esta noite, às 21h, o Estação NET Gávea projeta um dos mais aclamados filmes franceses de todos os tempos: “A Regra do Jogo” (1939), de Jean Renoir (1894-1979).

Sua exibição no Rio faz parte da sessão Classiquíssimos do Estação, promovida às segundas em Botafogo e às quartas na Gávea. Na trama de Renoir, o aviador André Jurieux (Roland Toutain) é saudado como um herói no aeroporto de Le Bourget. Depois de ter cruzado o Atlântico com o único objetivo de impressionar a bela Christine de La Chesnaye (Nora Gregor), ele ficou desapontado por não encontrá-la lá, em sua chegada. Seu amigo Octave (vivido pelo próprio diretor), solidário com sua dor, tenta animá-lo convidando-o para ir a um castelo em Sologne. O proprietário, Robert de La Chesnaye (Marcel Dalio), um marquês inconstante casado com a frívola Christine, está se preparando para organizar uma festa de caça seguida de uma celebração suntuosa e selvagem. O evento acaba em reviravoltas que fizeram do longa um patrimônio cinéfilo.

O êxito dele ajudou a frutificar a cultura da autoralidade que gerou artistas como Audiard e segue a levar a língua francesa para os cinemas do mundo.



INTERNATIONAL  
FILM FESTIVAL  
ROTTERDAM

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**É** pela prata da casa – no caso, a Holanda –, representada pela comédia policial “Fábula”, de Michiel ten Horn, que a 54ª edição do Festival de Roterdã vai abrir suas portas no dia 30 de janeiro, repleta de títulos brasileiros em sua programação, inclusive o representante nacional na caça ao Oscar, “Ainda Estou Aqui”. O drama dirigido por Walter Salles, que rendeu o Globo de Ouro à atriz Fernanda Torres, será projetado em telas holandesas fora da disputa oficial, numa seção chamada Limelight.

Em uma de suas mostras, a Harbour, entrou o longa mineiro “Suçuarana”, de Clarissa Campolina e Sérgio Borges. Há DNA nacional ainda em “;Caigan las rosas blancas!”, de Albertina Carri, uma coprodução com a Argentina e a Espanha, escalada para a Big Screen Competition, e cercada de picardia queer.

Com CEP em São Paulo, “Levante”, de Lillah Halla, já em circuito, leva um debate sobre fundamentalismo e luta feminista para a mostra Education. O Brasil emplacou ainda quatro curtas nas imediações dos Países Baixos: “Quem Se Move”, de Stephanie Ricci; “Tragédia”, de Bernardo Zanotta; “Bisagras”, de Luis Arnias; e “Fale a ela o que me aconteceu”, de Pethrus Tibúrcio.

Dois marcos da pluralíssima estética pernambucana – “Baixio das Bestas”, de Claudio Assis, e “O Som Ao Redor”, de Kleber Mendonça Filho – foram premiados em Roterdã em edições passadas (2007 e 2012, respectivamente). O evento integra o time dos sete festivais que mobilizam os motores da autoridade em escopo



*‘Ainda Estou Aqui’ terá exibição no Festival, mas o longa de Walter Salles não participa da disputa oficial*

# Rugidos do tigre holandês

Um dos maiores festivais do mundo, criado em 1972, Roterdã abre nova edição no fim do mês com fartura de brasileiros, incluindo ‘Ainda Estou Aqui’, e narrativas de ação e suspense



*‘;Caigan las Rosas Blancas!’, de Albertina Carri, é uma coprodução Argentina, Espanha e Brasil*

internacional. Abre um circuito competitivo que segue com Berlim (fevereiro); Cannes (maio); Locarno (agosto); e a trinca Veneza, Toronto e San Sebastián, em setembro. Sudance, realizado também em janeiro, só que nos EUA, em Park City, Utah, teve já

um prestígio similar ao desse G7, mas perdeu muito de seu viço. Caiu de fama mesmo nos Estados Unidos, onde vem sendo ofuscado pelo SXSW (Texas), por Telluride (Colorado) e por Tribeca (Nova York).

Pela proximidade com a ce-

Alile Dara Onawale/Divulgação

Fotos/Divulgação



*‘Misericórdia’, cult do francês Alain Giraudie, também será exibido fora da competição oficial holandesa*



*Adrien Brody vive o personagem título de ‘O Brutalista’, que pinta um painel da América Pós-II Guerra*

rimônia anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood (a deste ano será no dia 2 de março), Roterdã sempre abre espaço para oscarizáveis em potencial. É o caso de “O Brutalista” (“The Brutalist”) que, no domingo, sagrou-se vitorioso na disputa pelo Globo de Ouro de Melhor Filme de Drama por sua radical engenharia visual (fotografada em 70mm). Trata-se de um esplendoroso painel histórico sobre o calvário de um arquiteto húngaro (Adrien Brody) na América do pós-Guerra.

Fala-se de Oscar ainda para “Tudo O Que Imaginamos Como Luz”, em cartaz no Brasil. Sua realizadora, Payal Kapadia, ganhou o Grande Prêmio do Júri em Cannes e disputou o Globo de Ouro de Melhor Direção.

Agendado para terminar em 9 de fevereiro, após a entrega do troféu Tigre e a exibição de “This City Is a Battlefield”, da indonésia Mouly Surya, Roterdã vai enveredar pela adrenalina com o thriller de ação “King Ivory”, de John Swab. O diretor de “Ida Red” (2021) põe James Badge Dale armado até os dentes a desafiar os cartéis da droga em Tulsa, Oklahoma.

## Expectativa

Espera-se que Roterdã em peso vá ver “Misericórdia” (“Misericorde”), cult do francês Alain Giraudie, nas paralelas da disputa pelo Tiger Award de 2025. A eleição para o posto de “filme do ano” pela revista “Cahiers du Cinéma” (Bíblia para quem estuda a arte fílmica) garantiu visibilidade a este thriller fino. Em sua trama, Jérémie (Félix Kysyk) volta à sua cidade natal para o funeral do seu primeiro patrão, o padeiro do vilarejo.

Ao chegar, decide permanecer por mais algum tempo ao lado da viúva, Martine (Catherine Frot). Essa presença, no entanto, acaba perturbando o ambiente ao criar uma desavença com o filho da mulher, Vincent (Jean-Baptiste Durand). Um misterioso desaparecimento, um vizinho ameaçador e o padre local com estranhas intenções fazem a estadia de Jérémie tomar um rumo inesperado... e infernal.

Sua escalação ressalta o interesse de Roterdã em ir além de estruturas experimentais e apostar em cartilhas de gênero, num louvor à diversidade.

Gabriel Rolim/Divulgação

Por André Barcinski (Folhapress)

**N**uma carreira de pouco mais de uma década, a banda goianiense Boogarins vem cavando um lugar de destaque na cena internacional de rock alternativo. São figuras conhecidas na Europa e nos Estados Unidos, que tocaram em festivais importantes como o Primavera Sound, em Barcelona, e South By Southwest, em Austin, e acabam de retornar ao Brasil depois de mais uma apresentação, a terceira, no cultuado festival Levitation, também em Austin.

Formado por Benke Ferraz (guitarra e voz), Dinho Almeida (guitarra e voz), Raphael Vaz (baixo, moog e voz) e Ynaíá Benthroldo (bateria e voz), o Boogarins acaba de lançar seu sétimo disco de estúdio, "Bacuri".

Para uma banda tão internacional, "Bacuri" representa uma espécie de retorno da banda ao Brasil e a uma filosofia mais "caseira". Produzido pela banda e pela engenheira de áudio Alejandra Luciani na casa em que ela, Raphael Vaz e Dinho Almeida moram no bairro da Barra Funda, em São Paulo, este é o primeiro disco inteiramente gravado de forma caseira desde a estreia da banda, com "As Plantas que Curam", de 2013.

"A gravadora OAR queria botar um produtor conhecido para fazer o disco com a gente", diz Benke. "Mas acabamos escolhendo fazer o disco com nossos próprios recursos, começando um novo capítulo na história da banda."

Antes de optar por produzir o próprio disco, o Boogarins conversou com vários candidatos ao cargo de produtor, incluindo nomes famosos como Adrian Quesada, do grupo Black Pumas, e Mario Caldato Jr., famoso por trabalhos com Beastie Boys, Bjork e Marcelo D2. "Foi maravilhoso trocar ideia com esses caras", diz o guitarrista Dinho Almeida. "Acabamos mandando músicas para o Adrian, visitamos o estúdio do Mario, e foram experiências incríveis."

Outros nomes cogitados fo-

ram Wayne Coyne, líder do grupo psicodélico Flaming Lips, e o megaprodutor Brian Eno, que assinou discos de U2, Coldplay, Talking Heads e Devo. "O papo com Brian Eno foi todo por e-mail", conta o baixista Raphael Vaz. "Mas aí escrevi que a gente poderia apresentar ele para um novo público no Brasil, acho que ele se irritou e não respondeu mais."

O trabalho em "Bacuri" foi lento e sem pressão. O fato de estarem literalmente em casa, e não em um estúdio com horários limitados,

possibilitou à banda experimentar com timbres e sons diferentes. "Bacuri" traz a bonita mistura de psicodelia sessentista e sons brasileiros que sempre marcou a música do Boogarins, uma banda que se sente tão à vontade dividindo palcos com bandas lisérgicas e pesadas como The Black Angels quanto fazendo shows com repertório do Clube da Esquina.

Uma das faixas mais curiosas é "Só Deus Sabe", um folk-rock que a banda queria oferecer para a dupla Chrystian e Ralf, conta Benke.



*Depois de conversar com vários produtores, os membros do Boogarins decidiram produzir o novo álbum. 'Bacuri', por conta própria e num estúdio caseiro*

# A síntese de uma sonoridade caseira

Conhecida na cena indie internacional, a Boogarins opta por trilhar caminhos mais alternativos no álbum 'Bacuri'

"A gente não curte essa massificação do sertanejo, mesmo sendo de Goiás, mas gostamos de Chrystian e Ralf desde crianças. Lembro a minha mãe ouvindo discos deles e

contando histórias, de como eram dois irmãos que cantavam muito bem, eram considerados a dupla mais afinada do sertanejo."

A morte de Chrystian, em junho de 2024, acabou com os planos, mas o Boogarins homenageou a dupla colocando o nome dos irmãos no título da canção - "Chrystian e Ralf (Só Deus Sabe)".

Com "Bacuri", o Boogarins espera ter chegado até a síntese da sonoridade que vinham elaborando desde sua estreia. "Uma mistura de nossas influências com muita coisa brasileira que nos marcaram. O disco mostra essa maturidade", diz Dinho.

Ele cita outras bandas nacionais, a paraibana Papangu e a paulista Bike, que misturam música brasileira a gêneros como o black metal, vertente mais pesada do heavy metal, e rock psicodélico. "Existem várias bandas brasileiras fazendo um som muito maduro e pessoal. Isso tem a ver com a vivência, com conhecer mais música e ter outras influências. A gente quer fazer a coisa do nosso jeito, fazer o nosso trem."

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



'O Auto 2' lidera a bilheteria de produções nacionais

## 'O Auto da Compadecida 2' passa de 2 milhões de espectadores

"O Auto da Compadecida 2" ultrapassou 2 milhões de espectadores nos cinemas brasileiros em menos de duas semanas. O filme já arrecadou R\$ 44 milhões e manteve a liderança das bilheterias nacionais pelo segundo fim de semana consecutivo.

A continuação das histórias de João Grilo e Chicó também é a maior bilheteria de

lançamento de um filme brasileiro desde a pandemia. Continuação do filme de 2000, "O Auto da Compadecida 2" é protagonizado por Matheus Nachtergaele e Selton Mello. O elenco conta ainda com Virginia Cavendish, Humberto Martins e Eduardo Sterblitch, além de Taís Araujo no papel da Compadecida.

### Dias de rock

O espetáculo "Rock in Rio 40 anos – O Musical" estreia neste sábado (11) na Cidade das Artes. Criado por Charles Möeller & Claudio Botelho, o musical conta a saga de Roberto Medina para erguer a lendária primeira edição do Festival em 1985.

### Melhoras, maestro!

João Carlos Martins está se recuperando após ser submetido a uma cirurgia para retirada da vesícula. O maestro de 84 anos deve receber alta hospitalar hoje, informa comunicada da assessoria do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo.

### Dias de rock II

A produção é grandiosa. O elenco de 30 atores conta com Rodrigo Pandolfo, Malu Rodrigues, Beto Sargentelli, Bel Kutner, André Dias, Gottsha, Bruno Narchi, além de banda ao vivo com nove músicos, recriando toda a atmosfera da época.

### Prisão negada

Nicki Minaj, que está sendo investigada em um processo por agressão, teve pedido de prisão negado pela justiça dos EUA. A cantora é acusada de bater em seu ex-empresário, Brandon Garret, durante uma turnê em Detroit em abril de 2024.

Divulgação



Em seu novo álbum, Bad Bunny cercou-se de produtores e artistas convidados porto-riquenhos

# Potencial inegável de viralização

'Debí Tirar Más Fotos' mistura raízes de Bad Bunny a seu reggaeton

Por Thales de Menezes (Folhapress)

**A**os 30 anos de idade e pouco mais de uma década de carreira, o porto-riquenho Benito Antonio Martinez Ocasio chegou à condição de cantor mais ouvido na América Latina em 2024. No mundo, Bad Bunny só fica atrás de uma tal de Taylor Swift. E agora ele segue rumo à dominação global com "Debí Tirar Más Fotos", lançado nas plataformas no fim de semana. Seu sexto disco solo atesta uma produção intensa. É o terceiro álbum completo que ele lança num intervalo de 30 meses. Depois do sucesso de "Nadie Sabe Lo que Va a Pasar Mañana", que teve três hits globais - "Monaco", "Perro Negro" e "Where She Goes" -, ele solta um pacote de 17 faixas com potencial inegável de viralização.

A coisa começou a se espalhar bastante com as duas canções lançadas previamente nas últimas semanas, "El Clúb" e "Pitorro de Coco". A primeira é uma espécie de viagem nostálgica que permite reconhecer aqui e ali ecos de house, mas com pegada pop e uma letra sobre um relacionamento destruído.

Já "Pitorro de Coco" deixa escancarada a ideia de louvação a suas origens porto-riquenhas no novo disco, intenção que ele revelou em entrevistas. É uma canção de Natal típica de seu país, e o clipe é despojado, filmado com câmera estática num boteco, no qual Bad Bunny canta sentado em uma cadeira de plástico enquanto mastiga um salgado e brinca com prostitutas.

É esse o espírito nostálgico de "Debí Tirar Más Fotos". Após fazer sucesso local na estreia, com "X 100pre", álbum de 2018 que vendeu apenas 5 mil cópias nos Estados Unidos, ele largou Porto

Rico e correu o mundo até chegar a "Un Verano Sin Ti", que vendeu 3,5 milhões de discos no mercado americano em 2022.

Agora, Bad Bunny voltou para casa. Antes mesmo de todo o disco ganhar presença digital, isso já estava evidente na divulgação dos colaboradores do projeto. Produtores e artistas convidados são todos porto-riquenhos.

Nunca ele radicalizou tanto um trabalho, praticamente blindado para influências e colaborações de fora do arquipélago caribenho, chegando ao convite para Los Plereros de la Cresta, na faixa "Café com Ron". Trata-se de um grupo que resgata a música porto-riquenha de décadas passadas. A canção poderia ter sido gravada há 50 anos, e é ótima.

### Retomada de raízes

O mais interessante do disco é fazer essa retomada de raízes sem abandonar completamente as batidas que já foram organicamente associadas ao reggaeton poderoso de Bad Bunny. Salsa, hip hop, dancehall e eletrônico surgem salpicados pelo álbum, mas sempre a serviço de melodias que pagam tributo à história musical do país. A citada "Pitorro de Coco" é uma canção de aguinaldo, gênero de música natalina muito tradicional.

O disco abre com dois pandêmions dançantes, "Nuevayol" e "Voy a Llevarte pa PR". Parece que ele quis mostrar o forte reggaeton logo de cara, para comprovar sua assinatura musical. A seguir vem a primeira grande surpresa do álbum.

As faixas restantes, sem os convidados compatriotas, formam praticamente um menu degustação de ritmos festivos da ilha caribenha. "Turista", por exemplo, é uma balada simpática, romântica até ser ingênua. Já "Lo Que Le Pasó a Hawaii" consegue ser sensual mesmo com o cantor alternando sua voz com o som de um trombone e até um galo cantando. Pode parecer improvável, mas é uma questão de se ouvir para crer.

No balanço final dessa releitura da música porto-riquenha, o resultado é um álbum pronto para estourar em todo o planeta.

# Uma aventura na selva do machismo

Nanda Carnevali/Divulgação

Homens provam do próprio veneno com as brincadeiras da atriz e palhaça Rafaela Azevedo no solo 'King Kong Fran'

Indicada ao Prêmio do Humor de Melhor Performance, Melhor Espetáculo e Melhor Texto e Direção, o espetáculo cômico "King Kong Fran" retoma temporada no Rio com apresentação única na próxima terça-feira (14), às 20h, no Teatro Riachuelo. A montagem comemora os dois anos em cartaz e a marca de 100 mil espectadores.

Num misto de cabaré com circo e show de mulher-gorila, Fran diverte o público virando ao avesso os estereótipos do feminino: com humor e ironia, inverte a lógica machista e brinca com a plateia fazendo com que os homens 'provem do seu próprio veneno'.

Neste solo a imagem do gorila gigante é a metáfora usada pela atriz e palhaça Rafaela Azevedo, idealizadora do projeto, para falar de sexualidade e distinção de gênero na construção social. A tradicional atração circense "Monga" (ou Mulher Gorila) também é referência para a criação.

A personagem-título convida o público a conhecer o avesso dos estereótipos do feminino, invertendo de maneira cômica



**Atriz e palhaça, Rafaela Azevedo desconstrói o machismo com humor e ironia num misto de cabaré com circo-show de Mulher-Gorila**

e irônica a lógica machista e fazendo com que os homens provassem - literalmente - do seu próprio veneno.

"A Fran não se identifica com nenhum padrão feminino, enquanto palhaça está à margem de tudo isso que é estabelecido. Ela Mostra por meio do exagero

cômico, da ironia, da troca de papéis de gênero o quão absurdo são os acordos e símbolos construídos socialmente.", destaca Rafaela, que assina a dramaturgia e direção em parceria com Pedro Brício. O trabalho conta ainda com a direção musical da cantora e compositora Letrux

O espetáculo reúne assim a experiência de Rafaela na linguagem cômica e a irreverência e originalidade de Letrux em suas canções com a maestria com que Pedro cria o universo inteligente, crítico e poético de seus personagens.

"Alegorias são formas an-

cestrais de se contar histórias. Como modo de expressão, interpretação de representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada, quando utilizada nas artes performática é capaz de transformar algo que, poderia ser banal, em uma mensagem de absoluta força. É o que se dá, de forma competente, neste solo com atuação de Rafaela Azevedo", destaca Cláudia Chaves, crítica de teatro do Correio da Manhã.

"Rafaela tem se dedicado à chamada arte da palhaçaria, que é muito além daqueles clássicos circenses, nos quais o erro, a trapalhada e o desacerto exagerados são a base da graça. A partir do mito do grande gorila, que é capaz de mover, literalmente, céus e terras, para ficar com o objeto de sua paixão sexual, a atriz compõe um painel dos horrores que os homens cometem nos relacionamentos com mulheres", destaca Cláudia.

Pedro Brício, premiado diretor, junta-se à Rafaela no texto e na direção para fazer em cenas muito curtas, contundentes que não deixam nenhum ponto das questões da dominação masculina de fora. Sexo, conquista, vida a dois, trabalho, tudo está lá na, aparentemente, leve e solta atuação de Rafaela. E como em toda obra bem construída, com base na alma circense da mágica e da ilusão, o que é apresentado é grave, dolorido e causa dor.

"O resultado é que, ao invés de recorrer ao comum expediente em obras de escrita de si, que é falar na primeira pessoa, Rafaela consegue exprimir todo o horror do machismo no Brasil em que duas mulheres são estupradas por minuto. E 'King King Fran' mostra que uma forma de denúncia/exorcismo é arte", completa.

## SERVIÇO

### KING KONG FRAN

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)  
14/1, às 20h  
Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 120



*Este lounge acolhedor, criado pela dupla de designers, tem o aroma característico da Mata Atlântica, além de criar uma atmosfera de bem-estar e aconchego que inspira respeito e cuidado com o planeta*

**A**s designers de interiores Anna Persia Bastos, criadora da Eco Gaia, ao lado de Mariza Guimarães apresentam a instalação “Diálogos para o Planeta: Um Refúgio Amazônico para um Mundo Sustentável”, projeto criado para a exposição “Diálogos para o Planeta: Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável”, que celebra a essência da floresta Amazônica, levando a força e a delicadeza desse ecossistema. Inspirado pelas cores vibrantes e texturas que remetem a natureza tropical, o espaço busca evocar a vitalidade e a energia da floresta, convidando os visitantes a uma experiência de imersão que estimula os sentidos e promove uma conexão profunda com a natureza.

O ambiente é composto por uma abundância de plantas tropicais, cuidadosamente posicionadas para criar uma atmosfera envolvente e acolhedora. Mobiliários feitos de madeira susten-

# A vitalidade e a energia da floresta

Instalação que integra a exposição ‘Diálogos para o Planeta’ celebra o ecossistema amazônico e inspira a reflexão sobre a conservação ambiental

tável refletem o compromisso com práticas responsáveis e duradouras, oferecendo ao visitante um espaço para relaxar, refletir e se reconectar.

Este lounge acolhedor, com

o aroma característico da Mata Atlântica, cria uma atmosfera de bem-estar e aconchego que inspira respeito e cuidado com o planeta. A curadoria do espaço é de Anna Persia Bastos e Mariza Guimarães.

Através deste projeto, o obje-

tivo é mais do que representar a floresta; é despertar em cada visitante a importância de preservá-la. A experiência é um convite ao diálogo e à ação, reforçando a urgência de um futuro sustentável onde o ser humano e o meio am-

biente coexistam em harmonia.

O espaço fez parte do evento paralelo ao G20, que junta exposição de arte e “Amazônia Azul” do acervo da Marinha do Brasil, apresentando a Pré-Bienal Amazônia, com o tema “Somos Todos Amazônia - por um Mundo Justo e um Planeta Sustentável”, organizado pela Marinha do Brasil, Instituto Bienal Amazônia (IBA), Espaço BB e a Saphira & Ventura, que ocupam o Galpão Cultural da Marinha do Brasil/Espaço Cultural da Marinha do Brasil e que segue em cartaz até 16 de fevereiro. A curadoria é de de Marcia Marschhausen e de Alcinda Saphira.

## SERVIÇO

DIÁLOGOS PARA O PLANETA  
Espaço Cultural da Marinha  
(Av. Alfred Agache, s/nº - Centro)  
Até 16/2, de terça a domingo  
(11h às 16h30)  
Entrada franca